Revista Diversidade e Educação

A EDUCAÇÃO POPULAR COMO PERSPECTIVA EDUCACIONAL DO SEMINÁRIO DAS MULHERES DO CAMPO, DAS ÁGUAS, DAS FLORESTAS E CIDADES DA FURG – CAMPUS SÃO LOURENÇO DO SUL

LA EDUCACIÓN POPULAR COMO PERSPECTIVA EDUCATIVA DEL FURG - SEMINARIO DE CAMPUS MUJERES, CAMPOS, CIUDADES Y CIUDADES.

POPULAR EDUCATION AS AN EDUCATIONAL PERSPECTIVE OF THE FURG - CAMPUS WOMEN, FIELDS, CITIES AND CITIES SEMINAR

Ana Paula Grellert[1]

RESUMO
O presente trabalho pretende dialogar sobre o histórico do Seminário das mulheres do campo, das águas, florestas e cidades que recentemente teve sua quarta edição realizada no Campus da FURG São Lourenço do Sul. A metodologia adotada para realização deste trabalho foi a pesquisa bibiográfica, e também a narrativa da autora como integrante da constituição da proposta da referida ação extencionista da FURG. Destaca a concepção de Educação Popular na perspectiva de Paulo Freire como fio condutor das discussões e como fundamento das práticas advindas do Seminário das mulheres do campo, das águas, florestas e cidades. Apresenta o Campus São Lourenço do Sul como um espaço acadêmico da FURG protagoniza esta ação extencionista. Nas conclusões, reafirmamos a importância do referido evento para a formação dos diferentes sujeitos, ressaltando a necessária articulação com os diferentes atores e a Universidade, de maneira que esta possa cumprir com seu compromisso social.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Popular. Mulheres.

[1] Mestre em Educação pelo Programa de Pós graduação em Educação PPGE/UFPEL. Universidade Federal do Rio Grande, São Lourenço do Sul/RS. Brasil.

(cc) BY-NC-SA

RESUMEN
El presente trabajo pretende hablar sobre la historia del Seminario de mujeres del campo, las aguas, los bosques y las ciudades que recientemente tuvo su cuarta edición en el Campus FURG São Lourenço do Sul. La metodología adoptada para este trabajo fue la investigación biográfica, también la narrativa del autor como parte de la constitución de la propuesta de la acción de extensión referida de la FURG. Enfatiza la concepción de la Educación Popular desde la perspectiva de Paulo Freire como el hilo conductor de las discusiones y como la base de las prácticas derivadas del Seminario de mujeres del campo, las aguas, los bosques y las ciudades. Presenta el Campus São Lourenço do Sul como un espacio académico de estrellas de FURG en esta acción de extensión. En las conclusiones, reafirmamos la importancia de este evento para la formación de diferentes asignaturas, enfatizando la articulación necesaria con los diferentes actores y la Universidad, para que pueda cumplir con su compromiso social.
PALABRAS CLAVE: Educación popular. Mujeres

ABSTRACT
The present work intends to dialogue about the history of the Seminar of the women of the countryside, waters, forests and cities that recently had its fourth edition held at the FURG São Lourenço do Sul Campus. Also the author's narrative as part of the constitution of the proposal of the referred extension action of the FURG. It emphasizes the conception of Popular Education from the perspective of Paulo Freire as the guiding thread of the discussions and as the foundation of the practices arising from the Seminar of women from the countryside, waters, forests and cities. It presents the São Lourenço do Sul Campus as an academic space of FURG stars in this extension action. In the conclusions, we reaffirm the importance of this event for the formation of different subjects, emphasizing the necessary articulation with the different actors and the University, so that it can fulfill its social commitment.
KEYWORDS: Popular education. Women.

* * *

Creio ser indispensável deixar claro que, ao falar com tamanha esperança na possibilidade de mudarmos o mundo, não quero dar a impressão de ser pedagogo lírico ou ingênuo ou irresponsável. Falar como falo, não significa desconhecer quão difícil vem ficando, cada vez mais, mudar a direção dos oprimidos, dos ofendidos, dos interditados de ser. Reconheço os enormes empecilhos que a chamada nova ordem vem impondo a pedaços mais frágeis do mundo, a seus intelectuais, que os empurra para posições fatalistas diante da concentração de poder, da gerência da produção e do saber, como informação. Reconheço a realidade. Reconheço os obstáculos, mas me recuso a acomodar-me em silêncio ou simplesmente virar o eco macio, envergonhado ou cínico, do discurso dominante.

Paulo Freire

BY-NC-SA

Introdução

Dialogar sobre o histórico e concepção do Seminário das mulheres do campo, das águas, florestas e cidades é o foco deste trabalho. Considerando que o referido evento se caracteriza como um importante espaço de luta e resistência de mulheres e homens que buscam a cada dia tornar o mundo melhor, mais solidário e justo. O referido evento teve sua primeira edição no ano de 2015 e foi realizado na cidade de São Lourenço do Sul/RS, no Campus da FURG- São Lourenço do Sul. Nos anos seguintes, realizaram-se as demais edições do evento, e chegamos em 2019 em sua IV edição. Destaca-se que o referido evento é um espaço de discussão construído a muitas mãos, envolvendo acadêmicos de graduação, pós-graduação, movimentos sociais do campo e da cidade, secretarias municipais, além de envolver também organizações que atuam na assistência técnica e extensão rural como a Emater e organizações não-governamentais. Salienta-se também a participação de diferentes sindicatos como a FETRAF – Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar e Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Lourenço do Sul que foram fundamentais para a construção do evento ao longo dos anos, sendo espaço para a expressão de diferentes vozes com diferentes perspectivas. O Coletivo Feminista Dandaras – da FURG – Campus São Lourenço do Sul, um coletivo de mulheres estudantes da FURG e da comunidade é protagonista do evento, destacando-se pela sua inserção na comunidade local e que fomenta discussões e práticas inovadoras que dialogam com a temática do evento ao longo dos anos, dos povos tradicionais, dos movimentos sociais e das mulheres. O Coletivo Feminista Dandaras constitui parte fundamental da organização e constituição do referido evento ao longo de suas quatro edições. Nesta direção, a constituição de um espaço de discussão que busque articular a temática das mulheres agricultoras, pescadoras, empregadas domésticas, quilombolas, assentadas, indígenas, ciganas, demanda uma concepção de educação e um método de trabalho que busque olhar para o particular, mas, sobretudo para a totalidade, buscando compreender e dialogar a partir da complexidade do mundo, do trabalho e da vida. Assim, ao elaborarmos este trabalho, buscamos evidenciar a concepção de Educação Popular proposta por Paulo Freire como a concepção de educação que fundamenta as práticas e discussões propostas ao longo das quatro edições do Seminário das mulheres do campo, das águas, florestas e cidades. Logo, a partir desta breve introdução, iremos dialogar ao longo deste trabalho sobre o que caracteriza esta concepção de educação, bem como, a sua relevância na e para a constituição do referido seminário como uma ação extensionista da Univerisdade.

(cc) BY-NC-SA

Também discorremos sobre o Campus FURG São Lourenço do Sul como um espaço educacional constituído neste município, e que desempenha um papel fundamental na formação das pessoas da cidade e da região e que é o espaço institucional em que o referido evento acontece ao longo de suas quatro edições. Nas conclusões, reafirmamos a importância da constituição de eventos e ações institucionais que abarquem a temática das mulheres em suas múltiplas dimensões, considerando a concepção de Educação Popular como inerente a esta proposta e capaz de dar conta da complexidade que a temática demanda.

O Campus FURG São Lourenço do Sul como protagonista do Seminário das Mulheres do campo, das águas, florestas e cidades.

Considerando a importância do tema central deste trabalho, que trata sobre o histórico e concepção do Seminário das Mulheres do Campo, das cidades, das águas e florestas, compreendemos que é necessário destacar aspectos históricos do local de onde falamos e que protagoniza a realização do evento, ou seja, o Campus FURG – São Lourenço do Sul, cuja história é recente, no entanto, significativa, diante de sua importância e abrangência regional.

No ano de 2007, a Universidade Federal do Rio Grande (FURG) aderiu ao Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Públicas Federais (REUNI). A FURG, com a sua política institucional de uma Universidade voltada para os ecossistemas costeiros e oceânicos, instituiu três novos campi, destacam o Campus Santa Vitória do Palmar, Campus São Lourenço do Sul e o Campus Santo Antônio da Patrulha. A partir desta política pública educacional, no ano de 2010, o campus de São Lourenço do Sul iniciou suas atividades com a implantação do curso superior de Tecnologia em Gestão Ambiental, instituído pela Deliberação nº 084/2009 do COEPEA, em consonância com os objetivos do REUNI lançado pelo Governo Federal, por meio do Decreto 6.096 de 24 de abril.

Neste cenário, a proposta pedagógica para o campus de São Lourenço do Sul consiste na implantação de cursos superiores voltados para a mudança do paradigma de desenvolvimento vigente, rumo a um modelo de desenvolvimento sustentável, sempre buscando a inserção no contexto regional.

Já no ano de 2014, iniciaram-se os cursos superiores de Licenciatura em Educação do Campo e Bacharelado em Agroecologia, instituídos pela Deliberação nº

(cc) BY-NC-SA

086/2013 do COEPEA , e pela Deliberação nº 106/2013 do COEPEA. E no ano de 2016, iniciaram-se as atividades do curso de Tecnologia em Gestão de Cooperativas, instituído pela Deliberação nº 052/2015 do COEPEA.

Nestes nove anos de atividades acadêmicas no município de São Lourenço do Sul, o campus contou com quatro cursos que se destacam por ter em sua proposta pedagógica o fio condutor da sustentabilidade, o que podemos evidenciar como algo muito importante a se considerar ao nos propormos a discutir a inserção da temática das mulheres agricultoras, pescadoras, empregadas domésticas, quilombolas, assentadas, indígenas, ciganas, materializada, sobretudo na realização das quatro edições do Seminário das mulheres do campo, das águas, florestas e cidades, uma vez que atrelada às atividades de ensino que se desenvolvem nos diferentes cursos, as atividades de extensão constituem-se como fundamentais para a formação humana e cidadã. O perfil dos estudantes do campus São Lourenço do Sul é diverso, em sua maioria filhos de agricultores do município e região do entorno, além de estudantes quilombolas e indígenas, e demais oriundos de outros estados da federação.

Foi também neste espaço-tempo que se constituiu a equipe multidisciplinar da PRAE (Pró-reitoria de Assuntos Estudantis) do Campus São Lourenço do Sul. A equipe é composta por profissionais de diferentes áreas, a saber: Serviço Social, Pedagogia, Psicologia e Tradutor e Intérprete de LIBRAS/Português. A equipe multiprofissional da PRAE neste campus busca permanentemente articular ações visando à atuação em equipe, de forma coletiva, favorecendo o olhar multidisciplinar, que considera as diferentes abordagens e as especificidades de atuação de cada profissional, apoiando as atividades de ensino, pesquisa e extensão que ocorrem neste espaço, incentivando o protagonismo estudantil nos diferentes espaços da Universidade, sobretudo atuando de forma efetiva na coordenação e apoio para realização do Seminário das mulheres do campo, das águas, florestas e cidades ao longo das suas quatro edições.

A concepção de Educação Popular como fio condutor da proposta do Seminário das mulheres do campo, das águas, florestas e cidades.

Ao abordarmos a Educação Popular como fio condutor das discussões e encaminhamentos do Seminário das mulheres do campo, das águas, florestas e cidades ao longo das suas quatro edições, consideramos que toda ação de ensino, pesquisa ou extensão requer uma concepção de educação que possa subsidiar teoricamente tais

(cc) BY-NC-SA

práticas e promover o embasamento em determinada visão de mundo, dos processos e práticas educacionais e de extensão.

Tomando como referência a Educação Popular proposta por Paulo Freire, consideramos que o Seminário das mulheres do campo, das águas, florestas e cidades é uma ação de extensão promovida pela Universidade e pela comunidade, pelos movimentos sociais e diferentes instituições que tem envolvimento com os temas que perpassam a proposta do Seminário em seu amplo sentido. Assim, a diversidade, o feminismo, as violências, o trabalho, o empoderamento, são temas que foram destaque nas quatro edições do evento. Dialogar sobre estes temas, junto às mulheres agricultoras, pescadoras, trabalhadoras domésticas, ciganas, indígenas e quilombolas, requer um posicionamento político, e desta forma, o movimento de ação-reflexão-ação é necessário de maneira a conceber espaço para a manifestação destes diferentes sujeitos.

O diálogo é um dos princípios mais importantes para uma educação que se pretende libertadora, por isso esta é uma categoria importante para a concepção de Educação Popular. O antidiálogo levaria a práticas autoritárias. Logo, para Freire, a educação faz parte da essência humana, em direção à construção e aprimoramento da existência:

> É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não de só contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar no mundo resulta de sua abertura à realidade que o faz ser o ente de relações que é. [...] Ligação que, pela própria essência, jamais será de dominação ou de domesticação, mas sempre de libertação (FREIRE, 2014 p.55-56).

É precisamente a partir deste entendimento de ser humano que Paulo Freire desenvolveu a compreensão de que a educação constitui-se como um instrumento de mudança da sociedade, e tomando-se como referência a constituição do Seminário das mulheres do campo, das águas, florestas e cidades ao longo das suas quatro edições, podemos inferir que a intencionalidade pedagógica do referido evento está amparada na formação de sujeitos críticos, capazes de se reconhecer em sua essência, e aos educadores e educadoras como interventores no sentido de um compartilhar amoroso e solidário, no qual as pessoas vão se assumindo como indivíduos indagadores, num processo de permanente busca. Assim, compreendemos que com esta ação de extensão promovida pela Universidade e pela comunidade, permite construir uma prática que possibilite a inserção dos homens e mulheres na história, como sujeitos e não como objetos de uma sociedade que forma consciências oprimidas.

(cc) BY-NC-SA

Nesta direção, é possível podemos destacar também a desumanização, que não permite que as pessoas participem das atividades de seu tempo, pela ausência do diálogo, o que impede e nega as possibilidades transformadoras. Nesse sentido, como uma maneira de combate à desumanização, Freire destaca a radicalização crítica necessária contra posições pedagógicas autoritárias:

> A radicalização, que implica no enraizamento que o homem faz, é positiva, porque preponderantemente crítica. Porque crítica é amorosa, humilde e comunicativa. O homem radical na sua opção, não nega o direito ao outro de optar. Não pretende impor sua opção. Dialoga sobre ela. Está convencido de seu acerto, mas respeita no outro o direito de também julgar-se certo. Tenta convencer e converter, e não esmagar seu oponente. Tem o dever, contudo, por uma questão mesma de amor, de reagir à violência dos que pretendem impor o silêncio. A posição radical que é amorosa, não pode ser autoflageladora. Não pode acomodar-se passivamente diante do poder exacerbado de alguns que leva a desumanização de todos, inclusive dos poderosos (FREIRE, 2014, p.69-70).

Como podemos observar, Freire demarca a necessidade do diálogo como um dos princípios da educação libertadora, ou seja, de sua concepção de Educação Popular. O diálogo é assumido como um processo de busca constante e uma prática educativa que, comprometida com a transformação da sociedade, devem partir do diálogo com o "universo temático" dos educandos e educandas, enquanto sujeitos na construção e tomada de consciência sobre a realidade que vive.

Em 1969, é editada a obra "Extensão ou Comunicação?" (1983). Ali, Freire faz uma reflexão sobre as experiências vivenciadas junto ao Instituto de Desenvolvimento Agropecuário (INDAP), juntamente com Jacques Chonchol[2], cujo prefácio da obra foi de sua autoria. "Extensão ou Comunicação?" (1983) faz uma reflexão acerca da relação estabelecida entre os técnicos agrícolas e os camponeses. Freire argumenta que esta relação não pode acontecer de forma extensionista, mas deve ser uma relação de comunicação. Chonchol, no prefácio da obra deixa, claro que:

> Mais do que uma análise do trabalho como educador, do agrônomo equivocadamente chamado de "extensionista", o presente ensaio nos parece uma síntese muito profunda do papel que Paulo Freire assinala à educação compreendida em sua perspectiva verdadeira, que não é outra senão a de humanizar o homem na ação consciente que deve fazer para transformar o mundo (CHONCHOL in FREIRE,1983, p.7).

Aqui fazemos referência ao autor, especialmente nesta obra acima descrita porque as ações de extensão na Universidade, como o Seminário das mulheres do

[2] Jacques Chonchol era Diretor do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário (INDAP) no Chile e Paulo Freire foi seu assistente no setor de Promoção Humana do INDAP, o qual realizava um trabalho de Educação Popular.

(cc) BY-NC-SA

campo, das águas, florestas e cidades, necessitam constantemente revisitar suas práticas e métodos, tendo como horizonte a humanização das pessoas.

Freire desenvolve uma argumentação problematizadora e dialógica sobre o trabalho do técnico com o camponês. Logo, a expressão "extensão educativa" só tem sentido ao tomarmos a educação como prática de domesticação. "Educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a sede do saber até a sede da ignorância (1983, p.15)". Como podemos perceber, com esse argumento, Freire combate a ideia de que há uma superioridade do conhecimento do técnico em relação ao conhecimento do camponês.

A antidialogicidade também apresenta-se nas reflexões de Freire quando argumenta que para o agrônomo/técnico, seria possível transmitir mais conhecimento em menor tempo, ou seja, "a dialogicidade é inviável. E o é na medida em que os resultados são lentos, duvidosos, demorados [...]. Não se justifica esta perda de tempo. Entre a dialogicidade e a antidialogicidade, fiquemos com esta última, já que é mais rápida" (FREIRE, 1983, p.29).

Assim, a antidialogicidade torna-se necessária, pois na medida em que estende-se o conhecimento aos camponeses o conhecimento é compreendido como invasão cultural.

> Toda invasão sugere, obviamente, um sujeito que invade. Seu espaço histórico-cultural, que lhe dá sua visão de mundo, é o espaço de onde ele parte para penetrar outro espaço histórico cultural, superpondo aos indivíduos deste seu sistema de valores. O invasor reduz os homens do espaço invadido a meros objetivos de sua ação (FREIRE, 1983, p.26).

O conceito de conhecimento trazido por Freire é muito importante no sentido de refletirmos sobre as práticas educativas e extensionistas que se identificam com a Educação Popular, a exemplo do Seminário das mulheres do campo, das águas, florestas e cidades. Ao compreender que o conhecimento dos camponeses é apenas diferente e não inferior, critica-se os "distribuidores do saber erudito", que atuam na antidialogicidade, que resultará na "continuidade da cultura" (FREIRE, 1983, p.36).

Na perspectiva freiriana de Educação Popular, não se trata apenas de ensinar, mas também de aprender na relação estabelecida, pois o trabalho do agrônomo/educador não se limita ao ensino de técnicas, implica em diálogo e em comunicação. Assim:

> A educação como prática da liberdade não é a transferência ou transmissão do saber nem da cultura; não é a extensão de conhecimentos técnicos; não é o ato de depositar informes ou fatos nos educandos; não é a perpetuação dos valores de uma cultura dada; não é esforço de adaptação do educando a seu meio (FREIRE, 1983, p.53).

(cc) BY-NC-SA

Na perspectiva de Educação Popular defendida por Paulo Freire, é necessário estabelecer possibilidades reais de diálogo em torno de dilemas comuns, problematizando-os.

> Mais uma vez, os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem a si mesmos como problema. Descobrem que pouco sabem de si mesmos como problema. Descobrem que pouco sabem de si, de seu "posto no cosmos", e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura. Ao se instalarem na quase, senão trágica descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problemas a eles mesmos. Indagam. Respondem, e suas respostas os levam a novas perguntas (FREIRE, 2011, p. 39).

Como podemos perceber, Freire expõe sua concepção de ser humano, destacando-os como seres capazes de compreender o mundo a partir da problematização, tomando consciência deste e assim cumprindo sua vocação histórica. Entretanto, desta afirmação podemos também destacar a partir das ideias do autor o problema da desumanização, que se permite evidenciar tanto por parte de quem desumaniza, quanto de quem tem sua humanização roubada, ou seja, tanto dos opressores quanto dos oprimidos.

A vocação em direção à humanização, para Freire, é histórica e, nesse sentido, destaca-se mais um dos conceitos centrais de sua obra, a esperança. É por acreditar na capacidade humana que a humanização tem sentido. Logo:

> Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoa, como "seres para si", não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém destino dado, mas resultado de uma ordem injusta que gera violência dos opressores e esta, o ser menos (FREIRE, 2011, p.40-41).

A desumanização explicita-se pela dicotomia que se apresenta entre opressores e oprimidos, e é resultado de relações sociais que desvirtuam a vocação humana de "ser mais", implicando na desumanização tanto por parte dos opressores quanto dos oprimidos. A humanização/desumanização destacada por Freire, a nosso ver, são questões centrais na sua obra e fundamentais para a compreensão da concepção de Educação Popular.

Sendo assim, no processo de recuperar a humanidade perdida, compete aos oprimidos libertarem-se, e assim, libertar também os opressores, sendo esta a vocação histórica dos oprimidos, a qual é descrita por Freire (2011):

(cc) BY-NC-SA

> Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor do que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade (FREIRE, 2011, p.42-43).

A Pedagogia do Oprimido, portanto, é uma pedagogia forjada na luta de homens e mulheres pela sua libertação. Esta libertação não provém da extensão de algo a alguém, mas do próprio conhecimento de sua situação de opressão. Nesse sentido, podemos dizer que a Educação Popular proposta por Freire não pode acontecer distante dos oprimidos, mas com eles e não para eles.

Assim, num primeiro momento, os oprimidos vão desvelando o mundo, buscando compreender a sua situação e, sobretudo comprometendo-se na práxis, com a transformação da situação de opressão. Logo, ao se transformar a realidade opressora, a pedagogia do oprimido passa a ser a pedagogia de todos num processo permanente de busca por sua libertação.

> Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando assim, sua "convivência" com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis (FREIRE, 2011, p.72).

A concepção de Educação Popular proposta por Freire deixa claro a relação entre educação e política. Assim, a ação política junto aos oprimidos torna-se uma ação cultural para a liberdade e desta forma esta ação não pode acontecer, a não ser com os oprimidos.

Logo, em oposição à ação cultural para a liberdade, Paulo Freire apresenta a concepção bancária de educação. Nesta concepção de educação, o educador é o centro do processo educativo, na medida em que conduz os educandos à memorização mecânica do que deve ser aprendido. Na concepção bancária de educação, o educador faz comunicados, e os educandos tornam-se receptores do conhecimento e a eles cabe apenas armazenar o que lhes foi passado.

> A educação "bancária", em cuja prática se dá a inconciliação educador-educandos, rechaça este companheirismo. E é lógico que seja assim. No momento em que o educador bancário vivesse a superação da

(cc) BY-NC-SA

> contradição já não seria bancário. Já não faria depósitos. Já não tentaria domesticar. Já não prescreveria. Saber com os educandos, enquanto estes soubessem com ele, seria sua tarefa. Já não estaria a serviço da desumanização. A serviço da opressão, mas a serviço da libertação (FREIRE, 2011, p.86).

Em contraponto à educação bancária, Freire apresenta a concepção libertadora de educação.

> A concepção e a prática "bancárias", imobilistas, "fixistas", terminam por desconhecer os homens como seres históricos, enquanto a problematizadora parte exatamente do caráter histórico e da historicidade dos homens. Por isto mesmo é que os reconhece como seres que estão sendo, como seres inacabados, inconclusos, em e com uma realidade que, sendo histórica também, é igualmente inacabada (FREIRE, 2011, p.101-102).

É possível perceber que, num processo de superação da contradição educador/educando, é necessário que se coloque em situação de igualdade as pessoas que participam do processo educativo e, sobretudo, o conhecimento que cada uma delas carrega. O educador educa-se ao educar e o educando, ao educar-se, educa, assim, compreendemos que a constituição do Seminário das mulheres do campo, das águas, das cidades e florestas pretende partir desta premissa, como um espaço em que todos e todas aprendem e podem dizer a sua palavra.

Para Freire, "ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os "argumentos de autoridade" já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente autoridade, se necessita estar sendo com as liberdades e não contra elas"(FREIRE, 2011, p.96).

A relação de igualdade entre educador e educando, a qual é preconizada nesta importante ação de extensão que é o Seminário das mulheres do campo, das águas, das cidades e florestas, só pode ser garantida com a teoria de ação dialógica proposta por Freire, na qual algumas características são imprescindíveis, a saber, a colaboração, a organização, a união e a síntese cultural. Logo, "toda ação cultural é sempre uma forma sistematizada e deliberada de ação que incide sobre a estrutura social, ora no sentido de mantê-la como está ou mais ou menos como está, ora no de transformá-la" (FREIRE, 2011, p.245).

Freire compreende que o conhecimento e o próprio ato de conhecer não são neutros enquanto elementos da prática educativa. Assim, o conhecimento é carregado de valores políticos:

> Seria na verdade uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às camadas dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica. Uma tal

(cc) BY-NC-SA

> constatação demonstra a impossibilidade de uma educação neutra. Para a consciência ingênua, porém, uma afirmação como esta pode ser interpretada como se eu estivesse dizendo que, em não sendo neutra, a educação devesse ser (ou fosse sempre) a prática através da qual os educadores não respeitassem expressividade dos educandos (FREIRE, 1981, p.73).

O conhecimento relacionado com questões políticas da sociedade permite-nos compreender, na perspectiva da ação cultural para a liberdade, que o pensar nunca poderá acontecer de maneira individual. Isso significa dizer que no processo de conhecer, há a necessidade do diálogo e, portanto, de uma situação dialógica.

> A experiência nos ensina que nem todo óbvio é tão óbvio quanto parece. Assim, é com a obviedade que começamos este trabalho: toda prática educativa envolve uma postura teórica por parte do educador. Esta postura, em si mesma, implica – às vezes mais, às vezes menos explicitamente – numa concepção dos seres humanos e do mundo. E não poderia deixar de ser assim. É que o processo de orientação de seres humanos no mundo envolve não apenas a associação de imagens sensoriais, como entre os animais, mas, sobretudo, pensamento-linguagem; envolve desejo, trabalho-ação transformadora sobre o mundo, de que resulta o mundo transformado (FREIRE, 1981, p.35).

A relação entre educação e política fica mais explícita, na medida em que compreendemos que enquanto educadores e educadoras, extensionistas, necessitamos ter uma prática que proporcione a reflexão e a ação num determinado sentido que expresse uma visão de homem, de sociedade que se pretende formar. Outro aspecto que merece destaque ao dialogarmos sobre a concepção de educação popular que fundamenta as práticas do Seminário das mulheres do campo, das águas, das cidades e florestas é a relação entre educação e trabalho, destacando-se o seguinte:

> [...] o homem novo e a mulher nova a que esta sociedade aspira não podem ser criados a não ser através do trabalho produtivo para o bem-estar coletivo. Ele é a matriz do conhecimento em torno dele e do que dele desprendendo-se a ele se refere. Isto significa, permitam-me repetir, que uma tal educação não pode ter um caráter seletivo, o que levaria, em contradição com os objetivos socialistas, a fortalecer a dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual. Pelo contrário, impõe-se a superação desta dicotomia para que, na nova educação, a escola primária, secundária, universitária, não se distinga essencialmente da fábrica ou da prática produtiva de um campo agrícola, nem a elas se justaponha. E mesmo quando, enquanto contexto teórico, se ache fora da fábrica ou do campo agrícola, isto não signifique que ela seja considerada como uma instância superior aqueles nem que aqueles não sejam em si escolas também (FREIRE, 1978, p.116-117).

A afirmação que constatamos como relevante permite apreendermos que a Educação Popular, na medida em que abarca a vocação ontológica do homem e das mulheres como sendo sujeitos e não objetos, traduz-se em situações que levam, cada vez mais, a reflexão sobre as condições espaço-temporais e, sobretudo, participando

(cc) BY-NC-SA

delas de forma crítica. Isto nos remete a pensar que a Educação Popular, na medida em que permiti o sujeito refletir sobre a sua situação, sobre sua posição no espaço-tempo, dela poderá emergir de forma mais consciente e, acima de tudo, com compromisso, pois sua condição é de sujeito – não de objeto –que pode intervir, cada vez mais, em sua realidade.

Em sua concepção de Educação Popular, Paulo Freire argumenta que a especificidade humana justifica-se pela capacidade do ser humano distanciar-se do objeto a ser conhecido, observá-lo, analisando-o e, por fim, podendo transformá-lo e, neste processo, também se transformando. Este movimento é o que Freire denomina de caráter histórico-cultural. Assim, assumindo-se como um sujeito histórico, necessariamente, os homens e mulheres haverão de se comprometer com o mundo, sendo este passível de transformação. Mas a possibilidade de transformação da sociedade deverá partir de relações solidárias, e nesse sentido, ser solidário significa comprometer-se com as pessoas, sem paternalismo, como uma solidariedade esperançosa e amorosa.

Na perspectiva da Educação Popular proposta por Freire, nenhuma ação educativa poderá ocorrer fora da reflexão dos homens e mulheres sobre as suas condições culturais. O autor argumenta ainda que não há educação fora das sociedades humanas e para que os homens e mulheres possam responder às suas necessidades de conhecer, necessariamente devem ser situados de forma crítica no seu espaço-tempo. É nesta direção que compreendemos que as ações de extensão promovidas pela Universidade, neste caso específico, dialogamos sobre o Seminário das mulheres do campo, das águas, das cidades e florestas, assumem um papel fundamental para a construção de processos mais democráticos na Universidade, contribuindo efetivamente para a construção de um mundo mais justo e solidário. Assim, ganha destaque outra categoria proposta por Freire a qual fundamenta a perspectiva da Educação Popular, que é a conscientização. Nesta direção argumenta que:

> O trabalho humanizante não poderá ser outro senão o trabalho da desmistificação. Por isso mesmo a conscientização é o olhar mais crítico possível da realidade, que a 'des-vela' para conhecê-la e para conhecer os mitos que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante (FREIRE, 1980, p. 25-26).

Na perspectiva da Educação Popular de Freire, a conscientização não está somente relacionada a uma mudança interna nos sujeitos, compreendida como algo

(cc) BY-NC-SA

comportamentalista, mas, sobretudo, a conscientização necessita da práxis para que seja efetiva. Ou seja, a conscientização e a transformação são partes de um mesmo processo.

Conclusão

Considerando a importância desta ação extensionista da FURG Campus São Lourenço do Sul, aqui destacada como o Seminário das mulheres do campo, das águas, das cidades e florestas, que neste ano de 2019 chega a sua quarta edição, a qual é protagonizada por diferentes sujeitos, estudantes, integrantes de movimentos sociais, organizações não-governamentais, sindicatos e que dialogam com a perspectiva da sustentabilidade dos cursos que são ofertados neste Campus, é possível afirmar que a referida ação contribui de forma significativa para os processos formativos da Universidade, amparando-se na perspectiva da Educação Popular, conforme mencionamos ao longo do trabalho.

Considerando tal perspectiva de educação, acreditamos que o Seminário das mulhreres do campo, das águas, das cidades e florestas almeja a transformação social, considerando que esta jamais poderá estar desvinculada das relações democráticas, uma vez que as transformações sociais só serão possíveis na medida em que, de forma consciente, tomemos para nós a necessidade da luta. Tal postura exige a compreensão de que a história não é algo posto acabado, mas sim, algo a ser construído, pois enquanto homens e mulheres somos seres inacabados e, neste ponto de vista, a luta constitui-se como singular na constituição do ser humano.

Na concepção de Educação Popular a qual fundamenta as práticas educativas extensionistas do Seminário das mulheres do campo, das águas, florestas e cidades, a História é uma possibilidade de mudança para o futuro, sendo a educação uma aliada fundamental. Neste sentido, a Educação Popular é uma concepção de educação que dará conta da formação de sujeitos que possam reinventar o mundo, que dê conta também de formar sujeitos de acordo com as demandas do mundo atual, e que desenvolvam capacidades que permitam a contestação, a comparação, o agir e o optar. Tal reflexão é necessária na medida em que a referida ação extensionista buscou ao longo de suas quatro edições, fomentar discussões sobre o protagonismo das mulheres em diferentes espaços, sobre a importância do trabalho e inserção das mulheres nos diferentes espaços de trabalho, as violências, a diversidade, bem como a necessária construção de Políticas Públicas voltadas para as mulheres no sentido de reconhecer suas lutas e protagonismos. Assim, é perceptível a importância de fomentar tais discussões na Universidade e na

(cc) BY-NC-SA

sociedade, envolvendo diferentes atores na constituição destes espaços formativos, e desta forma, a Universidade cumpre seu papel social de fomentar a participação ativa dos diferentes sujeitos em suas práticas, garantindo espaço para o diálogo intercultural e permitindo que cada um possa dizer a sua palavra.

Referências

FREIRE, Paulo. Cartas à Guiné-Bissau: *registros de uma experiência em processo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____ .Educação como pratica de liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____.Extensão ou Comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____.Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____.Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____.Conscientização: *Teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.* São Paulo: Cortez e Moraes, 1980.

Revista Diversidade e Educação

Recebido em setembro de 2019.
Aprovado em outubro de 2019.

(cc) BY-NC-SA